



Práticas Sociais Constitutivas: A Mobilidade como Fronteira de Inclusão e Interação¹

Maria das Graças Pinto COELHO²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

Será que as mídias digitais podem exercer um papel estruturante nas sociabilidades contemporâneas? Em especial no meio rural, do semi-árido nordestino do Brasil, de tal maneira que seja possível ocorrer aspectos de inserção e formação social? O corpus deste estudo articula estratégias que resgatam novas competências para a recepção e para as lógicas da produção, mediadas pelos movimentos de sociabilidade e pelas mudanças na institucionalidade em um *locus* antes inimaginável das relações cotidianas.

Palavras-Chave: *sociabilidades; tecnointerações; pós-mídias digitais; cidadania.*

Este texto articula as redes sociais tecnológicas com práticas midiáticas e como estas se reorganizam em práticas de formação social constitutivas. Considera que o potencial de conectividade tem alterado significativamente as formas de interações sociais e, conseqüentemente, os rearranjos vigentes. Duas dessas questões merecem atenção: a significação das tecnologias que instrumentalizam a comunicação como processo social, e as resignificações do contexto histórico econômico e sociocultural onde as novas e complexas tecnologias exercem um papel estruturante nas sociabilidades contemporâneas, em especial no meio rural, promovendo aspectos de inclusão e formação social.

A abordagem teórica engendrada para fundamentar a análise, privilegiou autores que concebem as relações tecnointerativas e as novas sociabilidades como estruturantes e estruturadas no mundo social. Particularmente, localizam a disputa dos significados e significantes do poder simbólico na articulação das estratégias dos agentes sociais na trama da vida cotidiana. A reflexão na América Latina pertence à Jesús Martín-Barbero

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, DT6 Interfaces Comunicacionais, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora e pesquisadora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia – PpgEM/UFRN e Programa de Pós-Graduação em Educação – PpgEd/UFRN - email: gpcoelho@ufrnet.br



(1997) e surge no conceito de “mediações”³, a partir do livro *Dos Meios às Mediações*, cujo título já contém o sentido da inversão.

O ponto de partida é um estudo exploratório realizado por meio de entrevistas compreensivas⁴ em Natal e Mossoró no Rio Grande do Norte sobre o uso da internet e do celular enquanto mídias e instrumentos de interação social na zona rural. Uma parte das entrevistas compreende de uma análise das percepções dos monitores das Escolas de Inclusão digital e Cidadania da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte EMATER-RN⁵ sobre o uso das mídias digitais. Outras entrevistas foram realizadas com integrantes da ONG Rede xiquexique, de economia solidária, que usam o celular para consolidar a rede⁶.

No Rio Grande do Norte 26% de seus habitantes ainda vivem na zona rural, *locus* dessa pesquisa. Lá os movimentos sociais, articulados à Secretaria Nacional de Economia Solidária providenciam ações sustentáveis que visam à construção da autonomia econômica e social para os trabalhadores. Essas ações estão integradas a um conceito operatório de apropriação tecnológica, que visa expandir e multiplicar o gerenciamento dos movimentos sociais no campo. São vários os grupos de agricultores que ampliam as suas estratégias de inserção social através das mídias digitais e se credenciam para articular novas habilidades sócio-cognitivas para a comunidade.

Tais empreendimentos econômicos solidários chegaram na década passada e envolvem um amplo leque de agrupamentos, sob a forma de empresas autogeridas pelos trabalhadores, pequenas e médias associações ou cooperativas de produção, comercialização e dos mais variados serviços; projetos comunitários e cooperativas agropecuárias. Essas experiências organizacionais, frequentemente desenvolvidas com a intermediação e o incentivo de instâncias públicas, ONGs, sindicatos, organizações

³ Jesús Martín-Barbero (1997) recoloca nas “mediações” o eixo das relações constitutivas entre comunicação, cultura e política. O estudo das mediações significa transferir as práticas midiáticas para os processos socioculturais. As competências da Recepção e as lógicas da Produção têm uma dupla relação mediada pelos movimentos de sociabilidade, e pelas mudanças na institucionalidade. No caso, a sociabilidade é gerada na trama das relações cotidianas.

⁴ Norbert Elias (1993) aborda a configuração social, processos dilemáticos, relações entre o indivíduo e os processos mais amplos que os envolvem e a interdependência, que pode ser compreendida numa relação ‘eu-nós’ (pensar o mundo social como uma rede de relações inter pessoais).

⁵ Relatório final da pesquisa de mestrado de Antônio Carlos T. Liberato sobre as Escolas de Inclusão Digital e Cidadania (EIDC), da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte - EMATER/RN. O EIDEC tem como objetivo, contribuir para a educação tecnológica das populações de baixa renda que vive em comunidades rurais, especialmente às famílias de agricultores participantes do Programa Nacional de Agricultura Familiar (PRONAF). Em todo o estado existem 70 escolas – espaços físicos cedidos pela EMATER, equipados por computadores conectados à internet, onde 110 monitores oferecem cursos básicos de informática gratuitos.

⁶ Parte da pesquisa realizada pela autora em 2008 com a rede Xiquexique está contida em “Trabalho Informal e Celular – Distantes, Diferentes, Desiguais, Conectados”, in **Telecomunicações no Desenvolvimento do Brasil** – São Paulo, Momento Editorial: 2008.

religiosas, universidades e agências internacionais, inscrevem-se hoje em torno da dinâmica das novas formas de solidariedade e compõem o campo da economia solidária.

O primeiro agrupamento norterriograndense foi o assentamento Mulungunzinho, com aproximadamente cinco mil pessoas na zona rural de Mossoró, a 42 quilômetros do centro. Surgiu em 1999 como modelo de gestão sustentável e abriga hoje 112 famílias de pequenos agricultores. Dele surgiu o Mulheres Decididas a Vencer que produzem mel de abelha, castanha, artesanatos de palha e sementes, derivados da caprinocultura e hortigrangeiros em vários municípios do Rio Grande do Norte. Em 2003 esse grupo criou a ONG Rede Xiquexique, que envolve cerca de seis mil produtores e é composta por 50 grupos distribuídos em oito municípios do Rio Grande do Norte, onde vivem aproximadamente 400 mil habitantes.

A Rede Xiquexique articula todas as suas ações por meio de um único telefone celular, pré-pago, que pertence a Francisca Eliane de Lima Viana, a Neneide, coordenadora do movimento. Para controlar a comercialização dos produtos em feiras livres montadas pela Rede, ela cobra uma porcentagem de 15% de cada associado para pagar as despesas com o telefone. Nas entrevistas com os associados também foram identificadas pessoas que disseram ter aprendido a conversar com a família a partir da integração na Rede e pelo uso constante do celular.

Surpreendentemente, para os tempos atuais, o contrato com os cooperados da Rede se dá, até hoje, de forma verbal: “olho no olho”, “na base da confiança.”. Como afirma Neneide: “*se não confiar em mim e eu em você, nada feito.*” Esse tipo de contrato social baseado nas relações primárias de confiança, no valor da palavra, remete às sociedades de tradição oral, regidas por formas de solidariedade mecânica (Durkheim, 1995). Formas de atuação típicas das sociedades pré-capitalistas, onde os indivíduos se identificam através da família, da religião, da tradição, dos costumes e do trabalho. Pertencem a uma coletividade que reconhece os mesmos valores, os mesmos sentimentos, os mesmos objetos sagrados. Reflete a multiplicidade de modos de convivência que existem no campo ou na cidade e privilegia as culturas locais que se fortalecem diante do confronto identitário, presente nos quatro cantos do planeta.

Com a ajuda dos bens experimentais como o celular e a internet, que lhes facilitam as interações socioeconômicas, os pequenos agricultores do Rio Grande do Norte descobriram que o desemprego pode ser um aperto econômico, mas nunca uma queda no vazio. Essa experiência se valida na idéia de uma comunidade de valores nas



teias comunicativas contemporâneas, que processam novas metanarrativas através de conceitos articulados a temas relacionados a meio ambiente, igualdade de gênero, economia solidária e que apontam para a construção de novas identidades socioculturais.

É certo, também, que a articulação aqui desenvolvida mostra que algumas estratégias culturais são organizadas em torno de uma pedagogia pública. A análise procura responder como se expandem e se reorganizam práticas de formação social constitutivas. Quais as noções de diferença, de responsabilidade civil, comunitária e de pertencimento, que estão sendo produzidas em um determinado lugar, com específicas formações discursivas e práticas, o que, segundo Hall (1996: 4), são elementos constitutivos de uma pedagogia pública crítica. Esse é um tema a ser resgatado na análise das Escolas de Inclusão Digital e Cidadania (EIDC).

Escolas de Inclusão Digital e Formação Social no Meio Rural

Mais além da experiência positiva do uso das novas mídias no campo para alavancar as interações socioeconômicas e culturais das Mulheres Decididas a Vencer, somam-se inquietações, interrogações e discussões a respeito da efetividade das iniciativas educativas de inclusão digital e a qualificação de quem está mediando o processo educativo. A partir das pesquisas realizadas nas Escolas de Inclusão Digital e Cidadania (EIDC) da EMATER-RN sobre as atividades do Monitor nas EIDC, revelam-se situações de conflito entre sujeitos, jovens, integrados a um projeto de inserção social em um meio distante das atrações e desafios urbanos. Mas preocupados em dar sentido ao universo de significações que são evidenciadas no exercício diário das suas práticas de formação social capazes de transcender a mera tarefa de ensinar noções de informática.

Ao tentar definir inclusão digital, os monitores das EIDC revelam uma missão bem inquietante: *a gente tem que incluir, fazer com que as pessoas leigas conheçam a máquina*. Porém, no decorrer das entrevistas, o sentido de tal “missão” ficou configurado como um preceito ideológico, uma norma identitária que rege o trabalho nas EIDCs. Para eles, a inclusão digital é vista como uma *ponte* que conduz à transformação social, à mudança de vida, possibilitando o desenvolvimento da consciência crítica e oportunizando a conquista de interesses e necessidades individuais e coletivas

Nesse sentido, a perspectiva de uma educação voltada para a formação social, é essencial para compreensão das raízes da desigualdade e para encontrar meios para diminuí-la. Tal probabilidade implica em operar com a imprevisibilidade e desenvolver ações que permitam o pós-mídias digitais ampliar a cognição do homem privilegiando habilidades requeridas no campo das interações sociais. A formação intelectual – que envolve a transmissão de informações – não pode considerar o corpo de conhecimentos hoje disponíveis como um conjunto fechado, verdadeiro e imutável, mas sim trilhar o caminho multidisciplinar que estimula a auto-produção do sujeito (DOWBOR, 2006).

A educação com foco na formação social, ao articular-se com as mídias digitais que, por sua vez, ampliam as novas e múltiplas habilidades do sujeito, configura-se como um importante meio para dar “voz” aos cidadãos que estão à margem dos processos produtivos, propiciando, através de suas interações, as transformações necessárias para um meio social solidário. Esse entrelaçamento, entre o elemento humano e o elemento tecnológico, representa uma oportunidade radical de mudança e democratização do conhecimento, particularmente para os pequenos municípios e grupamentos que vivem em regiões isoladas do planeta, ou em qualquer outro segmento menos favorecidos pela economia dos grandes centros urbanos.

As mídias digitais reeditam uma sociabilidade gregária, fundada na inserção em redes e impregnam o tecido social

As histórias que se desenvolvem nas entrevistas a partir do uso do celular e da internet no campo atravessam o processo produtivo informal, sua viabilidade econômica e técnica e as relações estabelecidas entre a cadeia de produção e o cotidiano dos usuários. Os relatos apontam para um processo sócio interativo que transforma valores técnicos, estéticos, cognitivos, econômicos e sociais em novas formas de atuação social dos atores envolvidos. Os modos são replicantes e interacionais, e modificam tanto a cadeia produtiva como as sociabilidades dos indivíduos.

Se a sociabilidade brasileira já agregava e valorizava contatos pessoais, a oralidade e a afetividade na vida cotidiana, nas redes biosociais tecnológicas tais características adquirem uma importância bem maior. O pós-mídias digitais apresenta uma nova realidade para grupos sociais e indivíduos, que prospera. Faz distintos rearranjos para incluir diferentes, desiguais e conectados. Representantes das classes C, D e E, que habitam sítios, favelas, praias, terreiros e mercados na periferia dos grandes centros. Esses sujeitos protagonizam novas dinâmicas socioeconômicas e culturais com a ajuda das novas mídias digitais.



Paradoxalmente, também nesses lugares avança a internet e suas diversas ferramentas: *blogs, wikis, podcasts, redes P2P, softwares sociais*, e os telefones celulares com múltiplas funções, inclusive os que permitem acesso a televisão. Somente em dois meses - novembro e dezembro de 2008 -, segundo dados da Folha de São Paulo⁷, foram negociados em São Paulo 100 mil telefones celulares contrabandeados da China, ao preço de \$120,00, que captam a programação da televisão aberta em sinal analógico. Eles se tornaram a maior febre de consumo entre os consumidores de baixa renda do Rio de Janeiro e São Paulo. A 3G, banda larga na telefonia móvel, realiza um casamento perfeito nessa interação – internet, celular, e agora a televisão. E também abriga o SMS - um serviço de comunicação de dados já disponível na segunda geração da tecnologia digital móvel, que é pouco utilizado pela população periférica.

A propósito, o Brasil é o país da América Latina onde o SMS é menos usado. A hipótese para essa inabilidade pode ser a inapetência para a leitura e a escrita da população em uma sociedade fundada na oralidade. É a oralidade que une a evolução e expansão das mídias à história da educação no país e às sociabilidades que desapontam. A oralidade atravessa-se de maneira estruturante no percurso de ambas as instituições e produz novas significações.

O fato de a estrutura escolar ter falhado na perspectiva de ser universal e de não conseguir absorver todas as camadas da sociedade brasileira, oferecendo uma escola de qualidade para todos, talvez explique um modo ímpar pelo qual a população se interessa e valoriza as mídias. Uma valorização carregada de emoções, sensações e afetividades, a começar pela interação que existe entre televisão e telespectadores brasileiros. Agora contagiados pela televisão analógica via celular.

É que ao contrário da “gramática” da televisão em outros países, como a inglesa, por exemplo, que se impõe em uma estrutura narrativa absolutamente realística, no padrão documentário, a estrutura narrativa brasileira é exclusivamente construída na dramaturgia. A partir da opção narrativa da tevê percebe-se que a história da educação no Brasil está definitivamente bifurcada com a história televisiva, que por sua vez também começa na oralidade herdada das novelas radiofônicas.

Alguns trechos escritos pelo padre Manoel da Nóbrega, há 500 anos, antevêm a soberania da oralidade sobre as letras na construção da história educativa brasileira. Escrevia o padre Manuel da Nóbrega em sua primeira carta enviada da Bahia para a

⁷ Folha de São Paulo - São Paulo, 05 de julho de 2009: p. 2 – Caderno de Dinheiro

Corte, em 10 de abril de 1549: "*Cá nom sam necessarias letras mais que para entre os christaos*". Os cristãos a quem ele se referia eram os brancos, colonizadores. O que leva a crer que para os outros - negros, índios e eventuais não-colonizadores - as letras, o saber, o conhecimento seriam desnecessários. Começa aí a história da educação no Brasil. Uma história que por ser causa e efeito dela mesma se confunde com a organização social brasileira. (HANSEN: 2000).

Sodré (2006), que é bastante cético em relação às tecnointerações propiciadas pelas novas mídias, acredita que a vida social, com a implícita sedução das antigas esperanças, se transforma simplesmente em imagens, imagéticas. Para ele, as relações socialmente objetivas estariam se transformando em espetáculos e "a vida substitutiva, vicária, das telas, dos vídeos, dos monitores surge como uma nova forma de existência, um novo *bios*, como que tentando neutralizar os conflitos e as tensões comunitárias". (SODRÉ, 2006: 160).

Pode ser que Sodré (2006) tenha razão, mas é indiscutível que existe um novo paradigma interacional regendo as sociabilidades nas novas mídias. Talvez carente das dimensões da profundidade semântica, é verdade. Mas é através da profusão das imagens, que também são formas primais de mediação entre o mundo e o homem, que se apresenta essa nova experiência de sociabilidade moldada na co-participação sensível de sujeitos humanos.

Uma experiência que segue rápidas transformações socioeconômicas e culturais, já impregnadas ao tecido social. São mudanças que acontecem em um cenário onde se criou o consenso de que o conhecimento, a capacidade de processar e selecionar informações, a criatividade e a iniciativa são as principais matérias primas do desenvolvimento socioeconômico. Representam a competência que cada localidade dispõe para gerar e negociar sentido na busca de pertencimento e inclusão na vida social.

Baudrillard (s/d.: 25), que é pessimista em relação ao "lugar do consumo na vida cotidiana", diz que o interesse do indivíduo na *praxis* do consumo e sua relação com o mundo real, a política, a história e a cultura não é a do interesse, do investimento, da responsabilidade empunhada – "também não é a da indiferença total, mas sim a da curiosidade". É na curiosidade, que se formam as novas habilidades ou múltiplas habilidades na sociedade digital. Acometidos na curiosidade de contrastar outros mundos estão os Monitores das Escolas de Inclusão Digital e Cidadania da EMATER-RN.

As novas competências de fato surgem não como mais uma invenção do novo mundo do trabalho. Embora estejam presentes nos paradigmas de avaliação escolar e/ou trabalhista, elas não são uma escolha organizacional. Se a sociedade digital é projetada, as novas competências surgem como uma escolha pedagógica no mundo atual. E as práticas midiáticas adquirem um novo estatuto cognitivo. A noção perpassa o imaginário social e se estabelece em várias frentes da cultura contemporânea por meio das narrativas e dos valores que já estão presentes nas redes societárias globais.

Avritzer e Costa (2006: 77) falam de uma comunidade de valores nas teias comunicativas contemporâneas, processando novas metanarrativas através de conceitos. São diferentes formas de comunicação e sociabilidade estabelecidas pelas articulações dos movimentos sociais de diferentes origens geográficas, que se relacionam na circulação de temas, conteúdos e argumentos relacionados com equidade de gênero, direitos humanos, economia solidária ou proteção ambiental.

Tais mudanças nas sociabilidades contemporâneas apontam para novos processos interacionais na realidade do homem comum, que vive no campo. E também são regidas por aparatos tecnológicos e midiáticos. Com efeito, o que se vê são os bens experimentais modificando as relações de apropriação, circulação e consumo.

Bens experimentais modificam as relações de apropriação e consumo

Lash e Lury (2007: 36) sugerem que o mais significativo incremento nas formas de bens de consumo na última década é a transição na produção dos bens materiais em bens experimentais. Afirmam estar acontecendo uma transição na organização produtiva de bens duráveis para a produção de bens não-duráveis e, em particular, para bens experimentais que são utilizados tanto como produtos de consumo, ou como produto de experimentação, da mesma forma como acontece com os bens de serviços. Sugerem que o que se traduz em imateriais é o fator tempo e não a substância de sua materialização. Este processo envolve o crescimento do conhecimento estético na linha de produção, requerendo apurados julgamentos de gosto e valores estéticos no design do produto.

Argumenta que a desmaterialização dos produtos é a ligação que permite a flexibilização nas práticas de trabalho, o surgimento das novas tecnologias no sistema produtivo e o aumento dos significados de distribuição. Todas essas mudanças resultaram no que ela denomina de “fluidização” do consumo: o resgate da antes estática, fixa, espacial e temporal dimensões das relações sociais. Essas mudanças podem contribuir para se entender a estilização do consumo da sociedade

contemporânea e estabelecer uma ligação entre a estilização e as mudanças nas organizações da base produtiva e na circulação dos bens experimentais.

A concepção alargada do fenômeno da materialização dos bens simbólicos em experimentais, permite, ainda, que sejam extraídos insumos de mobilizações através das redes. A teia apresenta novos caminhos para as interações sociais e para a formação por meio de conteúdos e hermenêuticas, embora complexas e dispersas, na articulação de um processo societário. São espaços públicos democráticos, já assenhoreados pelas mídias e por isso refêm das práticas midiáticas e não da abordagem sociológica da democratização.

Em muitos aspectos, é preciso lembrar que o assenhoreamento da mídia nos espaços públicos percorre caminhos diversos das articulações sociais pensadas na forma sociológica tradicional. Tais experiências fogem do campo da operação política e não se constituem em espaços múltiplos, plurais e democráticos que possam articular dimensões argumentativas e deliberativas. A natureza própria da mídia recria esses espaços dentro da tendência de monopolização da visibilidade que as práticas midiáticas impõem à sociedade. Mas o ponto de partida do acesso de pessoas do campo a rede societária global e a mobilidade do celular são os novos processos de significação sociocultural que a estratégia permite. A própria visibilidade já impõe novos contornos às sociabilidades nas regiões periféricas.

Então o consumismo contemporâneo não estaria saturado apenas por imagens, como sugere Baudrillard (s/d.) focando a saturação, mas também por representações, especialmente por representações com significados, que podem ser parte de uma visibilidade forjada pela mídia, mas que produz identidade, por ser testemunhal de uma imagem construída pelo sujeito que se desloca na teia global. E no deslocamento da sociedade digital o movimento dos bens de consumo dentro e entre as sociedades é modelado pela distribuição combinada do conhecimento cognitivo, técnico, social e estético em trilhas bem delineadas através dos quais os bens se expandem e flutuam.

A lógica consumista se moderniza internamente, quando troca a antiga fórmula direta de estímulo à sedução pela idéia de competência. Legitima uma lógica de consumo diferente ao abrir-lhe uma validação formativa. Aliás, o desejo deixa pouco a pouco de ser etéreo e vai se centrando basicamente na competência. Entender a ampliação da noção de competência no mundo moderno implica em resgatar o significado estético das coisas, inclusive imprimindo condições imateriais a estes significados.

Nessa perspectiva a maior alavanca para o desenvolvimento é o capital sociocultural de uma nação. Por outro lado, a importância do conhecimento como um valor social para novos arranjos produtivos, acirra a contradição presente nas bases materiais da sociedade entre o caráter social da produção e o caráter privado da apropriação. Dai, a reação do capitalismo ao papel crescente do conhecimento na economia e a busca da privatização do conhecimento, principalmente através da propriedade intelectual, das barreiras regulatórias e da privatização e tecnicidade da educação e do ensino.

O *script* que combina significações e conhecimentos oferece um conjunto de transformações que é o mais relevante desde os anos 20. Nele, apresentam-se o advento das classes sociais D e E, o surgimento das novas ferramentas tecnológicas, o esgotamento do ciclo financeiro internacional, a diversidade das identidades transitórias e o retorno ao nacionalismo. Mais ainda: percebe-se que as novas tecnologias estão trazendo de volta a cultura regional. Ainda que o local continue sem inserções valorativas nas representações que se faz da economia, da política e da cultura em setores tradicionais da mídia.

Podemos constatar que existe uma produção simbólica e cultural riquíssima em curso no país, que ainda não conseguiu chegar à tona por falta de visibilidade e interesse por parte dos gestores públicos e privados que controlam as relações comunicacionais regionais e nacionais. No entanto, jovens e adultos das classes C, D, e E, situados em comunidades rurais, como identifica essa pesquisa, procuram, inconformadamente, esse elemento deflagrador de novas potencialidades para dar visibilidade aos rearranjos estruturais que recombina as suas relações com a cultura e o trabalho.

Essa é uma temática que deve ser confrontada na expansão das tecnologias de comunicação e informação, na reestruturação do capitalismo mundial e na invenção de novos processos criativos que influenciam, sobremaneira, os processos produtivos, acarretando desdobramentos socioeconômicos, políticos e éticos para o conjunto da sociedade.

Ao exibir 45 milhões de pessoas plugadas diariamente na internet em 2008 e cerca de 125 milhões de usuários conectados ao celular, o Brasil se faz presente nesse novo cenário. São números consistentes e indícios seguros de que o país, definitivamente, entrou no século 21. No entanto, a abrangência desses números também aponta para uma territorialidade nunca antes aferida: os espaços sociais rurais onde se inserem as populações de baixa renda, que utilizam a comunicação móvel para

gerir recursos essenciais à sobrevivência. Celular e internet são os produtos que mais modificaram a vida dos brasileiros nos últimos anos - e isso, apesar de a grande massa da população, de renda mais baixa, ainda não ter pleno acesso à rede imaginária global.

O *genius loci* ou talento da localidade esbanjando vitalidade

Cerca de 20 % da população brasileira vive e produz no campo. O país mantém a menor inflação nos alimentos entre todos os países do continente americano porque produz. E produz muito. Conta com a presença de um vigoroso setor de agricultura familiar, que produz e comercializa 70% dos alimentos consumidos pelos brasileiros, donos de um total de 22% das terras agriculturáveis do mundo.

E produzem, também, um conjunto de macro invenções que desmentem a descontinuidade das conexões em alguns segmentos demográficos brasileiros. O que não significa que o avanço seja baseado no exagero profético que caracteriza a maior parte dos discursos acríticos sobre a revolução da tecnologia da informação. Mas o resultado é a abundância de alimentos e uma generosidade típica das cidades pequenas no Brasil.

As tecnologias de dados e de voz estão ampliando as estratégias de desenvolvimento local e a capacidade da população de reconstituir os vínculos produtivos entre agentes, comunidades e instituições governamentais. Referenda a relevância do capital social e da cidadania como elementos dinâmicos no processo de desenvolvimento. Os arranjos produtivos locais possibilitam a criação de excepcionais condições para a produção da agricultura familiar. Essa modalidade de sobrevivência leva o desenvolvimento ao interior e preserva a cultura local com processos de inovação e modernização que não agredem as identidades constituídas.

Daí se engendra um processo de cooperação e autogestão nas formas de trabalho e vida, o que sempre é um desafio. Tal processo impõe o deslocamento das forças produtivas para a economia em pequena escala, que se preocupa em transformar o trabalho e a vida em uma sobrevida, conduzindo a existência ao eixo consumidor/mercadoria. Um eixo em que “tudo pode ser comprado, tudo é investimento financeiro e em que temos que fazer render nosso corpo, nossa comida, nosso tempo” (PELBART, 2000: 25).

Mas o tema é mais complexo. Se por um lado, as novas formas de trabalho e vida que vêm sendo propostos ainda se organizam. Por outro, novos gestos e atitudes preconizam também a reinvenção da vida. Embora existam riscos nas diferentes ofertas que o contexto atual lança, há nessa nova vida a compreensão de que a junção das bases

materiais com as espirituais da sociedade assaltou a subjetividade em uma dimensão nunca vista. Nessa direção, a subjetividade tem se tornado uma matéria prima essencial às relações de produção. É nela onde habitam as tecnointerações que transformam a comunicação em interação social. O uso das tecnologias ajuda a produzir vida, identidade e subsistência nessas pequenas localidades.

A sociabilidade que desperta uma nova classe de cidadãos

Voltando para o eixo analisado, que concentra seus fundamentos no desenvolvimento de novas sociabilidades nas margens societárias, a articulação da premissa estaria reconhecendo em seus fundamentos a existência de uma nova cidadania: de uma nova ordem social. Uma prática cidadã que interage diretamente com a cultura midiática e suas alegorias. Com os conhecimentos técnicos, estéticos e sociais, requisitados na expansão das redes societárias globais.

Ao se reconhecer à sociedade digital como uma sociedade pós cultura de consumo de massas, porque abriga a midiaticização em todas as suas instâncias, inclusive a estrutura de classes em dimensões simbólicas, reconhece-se também a criação de uma nova classe de cidadão. Os novos protagonistas dessa cidadania emergem nos significados que buscam a transformação das relações sociais na vida cotidiana. São temas que distendem a política para novas esferas como corpo, vida saudável, feminismo, meio ambiente, economia solidária, identidades juvenis, entre outras metanarrativas. E o que era discutido apenas na intimidade do lar tornou-se público e desafiou as estruturas existentes na sociedade contemporânea, como já previa Habermas (1987).

Esta atitude, além de introduzir novas sociabilidades, contribuiu para a renovação dos espaços públicos urbanos e agora também periféricos e rurais. Os bens experimentais reinventam o espaço local, antes combalido no processo de globalização da economia mundial, na expansão dos meios de comunicação; ou pela abrangência da cultura do consumo de massas e seus processos de validação de uma única matriz de significações, uma ideologia, que produz sentido a serviço do poder, seja ele político ou mercadológico.

Assim, a reorganização do espaço cotidiano reinventado na intensidade das redes carrega consigo uma carga simbólica mais poderosa do que pressentiam os jovens de 68, como preconizava Habermas (1987). Até mais do que alguns teóricos pós-modernos apostaram ao dar ênfase à caracterização abstrata do espaço. Na reconstrução espacial, impulsionada pelo processo de constituição de uma comunidade de valores, através da

teia global, são exaltadas às características da colaboração e da solidariedade; as múltiplas habilidades, a rejeição às hierarquias simbólicas e o fim do consenso sobre a exclusão das comunidades periféricas.

Os *locus* criados na esteira da rede encorajam os sujeitos a recuperarem o sentido de um lugar perdido. Reconstroem comunidades estéticas e de afinidades socioculturais, como experimentam as mulheres da Rede Xiquexique. São espaços modelados em mosaicos de estilos e tradições, que reproduzem sensações táteis, olfativas e imaginárias muito próximas às experiências de natureza midiáticas e ao aprendizado propiciado pela auto-estimulação de uma comunidade de valores, como tantas outras que se encontram na teia digital.

Aqui me ocorreu lembrar Featherstone (1997), que acredita existir uma estreita relação entre os conceitos de culturas globais e locais. Mas que analisando o processo de globalização de bens e serviços chamava a atenção para um segmento social específico, a classe média, sobretudo aqueles que tiveram acesso à educação superior, como sendo o que mais vivencia as experiências que visam reconstituir a localidade, sem descartar na análise os múltiplos segmentos que se misturam em tais comunidades imaginárias. Naquele momento ele não registrava ainda o que estava para acontecer nas periferias urbanas e rurais. Uma sociabilidade que agrega valores diferenciados da classe média urbana dos grandes centros, mas que se une nas questões essenciais da mediação, da comunicação e da representação.

As comunidades que emergem na sociabilidade da vida cotidiana, em espaços rurais, onde se produz e se negocia estruturas simbólicas e imaginárias, não se diferenciam muito das cibercomunidades. A convivência virtual nas redes de informação tem peculiaridades que residem na fusão do social com o tecnológico. Segundo Lemos (2002), a cultura digital é de natureza complexa e agrega vários elementos que compõem uma outra sociabilidade, um convívio ímpar, que remodifica experiências no cotidiano.

Fruto da geração ‘x’, a sociedade contemporânea aceita a tecnologia a partir de uma perspectiva crítica, lúdica, erótica, violenta e comunitária. Nesse sentido, a tecnologia, que foi o instrumento principal da alienação, do desencantamento do mundo e do individualismo, vê-se investida pelas potências da sociabilidade (LEMOS, 2002: 89).

O modelo de convivência apresentado gera um outro paradigma de cidadania, a cidadania digital, parte da nova dimensão cultural, já agregada ao conceito. As redes de informação digitais têm uma natureza diferente dos outros meios – jornais, tevês, rádio – da indústria cultural porque nelas a fusão entre o social e a técnica gera uma forma de

circulação informações e de comunicação diferenciada, que propicia a transformação do receptor em produtor.

O produtor interage diretamente com o espaço eletrônico da informação e faz parte de uma conexão que desmaterializa tempo e espaço, criando um sem número de narrativas sociais, que interferem, ou não, na cultura, na economia e na política local. Na verdade, a internet tem características próprias que mais se assemelham a um ambiente de comunicação do que propriamente um meio. As estratégias de comunicação – blogs, *twitter* (mini-blogs em uma única rede) e o correio eletrônico -, entre outros, são ferramentas interativas que têm flexibilidades diferentes nos pólos de transmissão e recepção. O “*trending topics*” do *twitter*, por exemplo, valida um sinal - # - que destaca a mensagem do sujeito para um grupo simbólico hegemônico, e dá continuidade a um conteúdo de interesse do receptor. Neste novo ordenamento cultural se criam *locus* de contestações políticas.

São ponderáveis as potencialidades das mutações que surgem no esteio das novas comunidades imaginárias no âmbito dos novos espaços urbanos ou rurais. Igualmente, é inegável que estes grupos possuem distintos sentimentos de afiliação a localidades. E que utilizam os bens disponíveis e as experiências de maneiras diferentes para recriarem novas condições de existência a partir das tecnointerações. Mas é do reconhecimento analítico que existe uma coalizão de naturezas – arcaicas e tribais com imagens tecnológicas ou bens experimentais – que se funde em um sonho recorrente, que ensina a colocar raízes, ou seja, a definir a identidade do sujeito e as atitudes cidadãos no acesso às novas mídias.

Referências Bibliográficas:

- AVRITZER, L. E COSTA, S. – **Teoria Crítica, Democracia e Esfera Pública**. Concepções e Usos na América Latina. *In*: Mídia Esfera Pública e Identidades Coletivas. Orgs: MAIA, Rousiley e CASTRO, Maria. Belo Horizonte, Editora UFMG: 2006.
- BAUDRILLARD, Jean. **Para uma Crítica da Economia Política do Signo**. Lisboa: Edições 70, s/d.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede – A Era da Informação: economia, sociedade e cultura – Volume I**, São Paulo: editora Paz e Terra, 1999.
- COELHO, Maria Das Graças. Pinto - **Trabalho Informal e Celular – Distantes, Diferentes, Desiguais, Conectados**. *In* Telecomunicações no Desenvolvimento do Brasil. Orgs: DIAS, Lia Ribeiro e CORNILS, Patrícia – São Paulo, Momento Editorial: 2008.
- DURKHEIM, Émile. - **Da Divisão do Trabalho Social**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- ELIAS, Norbert (1993). O processo civilizador - formação do estado e civilização (vol. 1), Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FEATHERSTONE, M. **O Desmanche da Cultura - Globalização, Pós-Modernidade e Identidade**. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- HALL, S. “**Introduction — who needs identity?**” *In*. HALL, S. and P. du Gay (Org.) Questions of Cultural Identity. Thousand Oaks, CA:, London, Sage: 1996



- HABERMAS, Jürgen. **The Philosophical Discourse of Modernity**. Cambridge, Polity Press: 1987.
- HANSEN, João Adolfo *et. al.* **500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LASH Scott and LURY, Celia. **Global Culture Industry**. The Mediation Of Things - Blackwell Publishers, United Kingdom: 2007.
- LEMOS, André. **Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. Porto Alegre, Sulina: 2002.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús – **Dos Meios às Mediações** – Comunicação, Cultura e Hegemonia. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ: 1997.
- PELBART, P. Peter. **A vertigem por um fio**: políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2000.
- SODRÉ, Muniz. **As Estratégias Sensíveis** – Afeto, Mídia e Política – Petrópolis, Vozes: 2006.